

CONCEPÇÕES DE LEITURA NO PROCESSO INICIAL DA ESCOLARIZAÇÃO: REFLEXÕES NECESSÁRIAS

Flávia Freitas da Silva Mello¹
Verônica Pessoa da Silva²

¹Estudante do curso de Letras-Libras na Universidade Federal da Paraíba.

E-mail: flavia-rosy@hotmail.com

²Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Estadual da Paraíba.

veronicapessoaajp@hotmail.com

Resumo: Esse artigo tem como objetivo discutir concepções da leitura no processo inicial da escolarização e as contribuições dos(as) educadores(as) e dos pais ou responsáveis nesse processo. Com isto, evidenciamos a importância da leitura, visto que a mesma assume um papel importante no processo do ensino e aprendizagem, levando em consideração que o ato de ler vai além de decifrar códigos, letras, sílabas ou até mesmo palavras, apesar que o processo da leitura se inicia a partir desse caminho de construção do leitor, no entanto a leitura acontece a partir de atividades que envolvam a percepção, a imaginação e a criatividade da criança. Para tanto, realizamos um trabalho que se estrutura por meio de uma pesquisa teórica, de cunho bibliográfica, realizada por meio de livros, artigos científicos e textos eletrônicos que subsidiaram as reflexões necessárias para o levantamento de informações através do aporte teórico, permitindo o aprofundamento das discussões. Neste diálogo, utilizamos vários autores que levantam problematizações sobre a concepção de leitura e do ato de ler. Os resultados indicam que os primeiros passos para a leitura se dão através do relacionamento com o outro, interação e o contato com objetos e símbolos que nos rodeiam. Portanto, o incentivo da leitura em seu processo inicial desenvolve a oralidade, linguagem, vocabulário, entre outras questões.

Palavras-chave: Educação Infantil, Leitura, Aprendizagem, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A leitura é um processo muito complexo e que envolve vários fatores sociais e econômicos que vai além de decifrar códigos, decodificar e memorizar palavras, letras ou sílabas. A aprendizagem da leitura, em seu momento inicial, acontece no meio familiar, ambiente que proporciona a criança segurança e confiança, já que os primeiros contatos com objetos, imagens, nomes, rótulos, interação e estímulos a fala são oferecidos nesse espaço.

Diante dessas questões as crianças começam a ler antes mesmo de conhecer as letras e que o processo e os estímulos da leitura começam desde cedo na Educação Infantil. No entanto, o ato de ler está direcionado a um processo de descobertas daquilo que é desconhecido.

Segundo Cunha (1999, p. 51) “A leitura é uma atividade fundamental para a aquisição de conhecimentos”. Nesta perspectiva a prática de leitura deve estar relacionada ao dia a dia, uma vez que, precisa de estímulos desde cedo na infância.

Convém salientar que “desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso, antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca” (FREIRE, 2001, p. 71).

O objetivo deste artigo é discutir sobre a importância do ato de ler no processo inicial da escolarização e as contribuições dos(as) educadores(as), através dos estímulos em sala de aula como também a participação dos pais ou responsáveis nesse processo. Levando em consideração a problematização: quando a criança começa a ler?

Este artigo se estrutura por meio de uma pesquisa bibliográfica que se fundamenta nos estudos de autores como: AMÂNCIO (2002), BORBA e MATTOS (2011), CUNHA (1999), FREIRE (2001), MARTINS (1994), TEBEROSKY e COLOMER (2003), entre outros que levantam problematizações sobre a concepção de leitura e do ato de ler.

O interesse de estudar o tema desenvolveu-se a partir da preocupação do ensino da leitura em seu momento inicial na educação infantil, como também as inquietações e observações no período dos Estágios Supervisionado na Educação Infantil, visto que, a leitura precisa ser estimulada desde cedo, no meio familiar e na escola, a prática de ler deve ser rotineira e estimulante.

METODOLOGIA

Este trabalho aborda a reflexão do processo inicial da leitura na Educação Infantil. Está estruturado por meio de uma pesquisa bibliográfica, com recolhimentos de informações dos dados escritos em livros, artigos e textos eletrônicos identificados no percurso da pesquisa. Nesta perspectiva a pesquisa bibliográfica ocorre:

Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (FREITAS e PRODANOV, 2013, p. 54).

Fica claro que a pesquisa é muito importante, pois esclarece conceitos fundamentais na linha da abordagem, evidenciando a base teórica, ampliando o conhecimento e aproximando o pesquisador da realidade.

Fundamentada nos estudos de autores tais como: AMÂNCIO (2002), BORBA e MATTOS (2011), CUNHA (1999), FREIRE (2001), MARTINS (1994), TEBEROSKY e

COLOMER (2003), entre outros, a escolha dos autores se deu pelo fato de levantam problematizações sobre a concepção de leitura e do ato de ler

Para a coleta de dados foram utilizadas análises de materiais impressos e eletrônicos. Este estudo transcorreu por três etapas: a) Seleção de materiais, b) realização de leitura e fichamentos das mesmas com análise do material da pesquisa.

Neste sentido, Freitas e Prodanov (2013, p. 43) comentam que:

Pesquisar, num sentido amplo, é procurar uma informação que não sabemos e que precisamos saber. Consultar livros e revistas, verificar documentos, conversar com pessoas, fazendo perguntas para obter respostas, são formas de pesquisa, considerada como sinônimo de busca, de investigação e indagação. Esse sentido amplo de pesquisa se opõe ao conceito de pesquisa como tratamento de investigação científica que tem por objetivo comprovar uma hipótese levantada, através do uso de processos científicos.

Isto evidencia a relevância da pesquisa na investigação educacional, pois é através dela é possível obter dados que antes eram uma conjectura, como também, compreender vários fatores e aspectos relacionados ao assunto abordado e, através do aporte teórico, comprovar as hipóteses levantadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A criança começa a ler quando consegue perceber as coisas ao seu redor, então os primeiros passos para o início da leitura estão relacionados a interação com o outro e o contato da linguagem escrita, objetos, materiais audiovisuais, as cores, imagens, formas e etc. “Certamente aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal” (MARTINS, 1994, p.15).

Torna-se notável que o processo de leitura se inicia antes da escolarização no âmbito familiar quando a criança recebe dos pais ou parentes estímulos a fala, a leitura, a percepção de imagens e objetos que estão em seu dia-dia, palavras novas que se encontram em: panfletos, slogans, produtos e rótulos de diversas embalagens. Nesta perspectiva Teberosky e Colomer (2003, p. 27) enfatizam que:

O adulto vai fornecendo ou solicitando à criança informação para identificar os produtos a partir dos indícios gráficos da palavra escrita. Dessa forma, a criança começa a identificar signos, logomarcas e rótulos comerciais, tais como McDonald's, Coca Cola, Nestlé, etc.

Então é indispensável a interação de crianças com adultos no processo da aprendizagem da leitura, já que esse acontece desde cedo através de estímulos e meios que diariamente está relacionado a vivência da criança. O estímulo a leitura aprimorará a aprendizagem de vocabulários, palavras novas ou desconhecidas, como também o desenvolvimento da linguagem oral e expressiva.

Segundo Teberosky e Colomer (2003, p. 34), assevera que: “Antes dos três anos as crianças aprendem o vocabulário no contexto familiar. A partir dos três anos, aprendem também de fontes indiretas, como os livros”.

Mesmo sem saber ler convencionalmente a criança sempre encontra pistas para decifrar palavras através de imagens e figuras. Também leem livros que a elas são oferecidos, em seu ato imperfeito de ler, imita o adulto ao folhear um livro ou algo parecido, torna-se uma simulação de leitura, onde a criança cria, inventa sua própria história, então a imitação e a curiosidade também favorecem no processo de leitura.

É preciso considerar que muitas crianças não tem o incentivo à leitura em casa, primeiro, porque, muitos pais não têm tempo, são ocupados com trabalhos e infinidades de coisas. Acerca desse exposto Cunha (1999) comenta sobre o descaso que os adultos dão a prática de leitura com inúmeras desculpas como: o cansaço, falta de tempo, falta de interesse, os preços dos livros e etc.

Os pais colocam inúmeras desculpas com a falta de interesse no processo de leitura dos seus filhos e jogam o seu papel para escola, segundo é que vivemos em uma sociedade moderna, porém são resumidos os números de pessoas que tem a cultura da leitura diariamente.

A prática de ler vem sendo quase que extinguida pelos aparelhos informatizados, apesar que, esses facilitam o acesso as pesquisas, como por exemplo a internet um canal bem rápido em relação aos acervos escritos, mas que nos deixa acomodados em relação a leitura manual, então o ato de ler está relacionado a diversos fatores entre eles os econômicos e culturais.

Infelizmente quando a criança não tem o apoio que precisa na construção de conhecimento no âmbito familiar, esse acontecerá no ambiente escolar. Certamente que o papel da escola é abrir caminhos para que a aprendizagem aconteça oferecendo estímulos para a aprendizagem e a prática da leitura.

Na escola entra a intervenção pedagógica dos educadores como mediadores, assumiram o lugar de um adulto, que incentivaram as práticas de leitura com metodologia eficaz que impulsionará a criança ao gosto de ler. Então cabe ao professor criar e desenvolver atividades pedagógica que promova o prazer pela leitura através de métodos atrativos.

Ao entrar na escola a criança não chega vazia sem saber nada, possui experiências e conhecimentos e que esses devem ser levados em consideração, uma vez que, a escola deve possibilitar ao aluno a apropriação do conhecimento através de sua bagagem cultural, vivências e realidade.

Na escola, na fase inicial, a criança desenvolve a percepção, coordenação motora e visomotora, ressaltando que desde cedo ela tem um grande apego ao lápis e papel, gosta de fazer rabiscos, que ganham formas e sentido, e ao instiga-la teremos significados, podemos considerar que esses rabiscos a criança relacionam a palavras ou desenhos e que gradualmente irão avançando e evoluindo.

Nesta perspectiva é possível comparar com a fase pré-silábica que segundo Nogueira e Silva (2014, p. 03) “A criança não estabelece relação entre a escrita e a fala (pronuncia), ela exerce sua escrita por meio de desenhos, rabiscos e letras utilizando-as aleatoriamente”. Portanto, nesta fase, não identifica as letras e cria riscos ou rabisco peculiar da escrita, que só ela mesma pode entender e ler, daí então começa seu desenvolvimento progressivo.

O rendimento escolar depende de vários fatores dentro dos quais está a metodologia, ou seja, de que forma é repassado o assunto ou as informações, no entanto deparamos com alunos que não gosta de ler ou ler por obrigação, isso se dar pela influência inicial que não teve, no momento certo, e que sofrerá consequências futuras.

Muitas vezes, há uma fragilidade nas escolas que não oferece a leitura como algo atrativo, mas são executadas de forma obrigatórias e mecânica abrindo uma ruptura para o desgosto da leitura. Isso implica dizer que, se a criança desde cedo for influenciada de maneira correta a leitura, essa tomará o gosto e o prazer de ler.

Na Educação Infantil não há uma exigência em relação a leitura convencional imediata, uma vez que a criança passa por estágios de desenvolvimento e níveis de aprendizagens, no entanto cabe aqui falar sobre o estágio sensório-motor e pré-operatório. Segundo Piaget (2007) O período sensório-motor compreende entre 0 a 2 anos de idade, onde a criança desenvolve atividades motoras e perceptual como: tocar, ver e imitar, já o período Pré-Operatório compreende entre 2 a 7 anos em que a criança passa pelo desenvolvimento da linguagem e faz uso de símbolos para representar suas ações.

Levando em consideração cada estágio e níveis de aprendizagens a qual a criança passa, deve ser levado em consideração o seu desenvolvimento cognitivo e respeitada cada fase para construção da inteligência, entretanto a escola tem limitado o ensino a uma ordem cronometrada de sequencias didáticas muitas vezes sugeridas pelos livros, como por exemplo, o ensino das

vogais na educação infantil, encontros vocálicos e letras do alfabeto acompanhados de exercícios repetitivos: Cubra, Copie, Ligue e etc.

Segundo Amâncio (2002, p. 144) assegura que: “Na alfabetização, tornou-se ponto pacífico que se deve começar pelas vogais, por serem mais simples e os primeiros sons que o ser humano emite”.

Nesse aspecto vale ressaltar que:

A criança é exposta a fragmentos da língua, sons, letras isoladas, sentenças descontextualizadas, porque ler e escrever é mera aquisição de uma técnica, cuja forma precede a função no aprendizado que depende de repetição. Existe um controle da aprendizagem com a introdução gradativa de padrões de som/letra, oferecendo-se primeiramente os ‘mais fáceis’ (AMÂNCIO, 2002, p. 59).

A linguagem é apresentada de forma fragmentada em vogais, letras, processo repetitivo e mecânico voltado a preocupação na memorização tornando-se assim as crianças em apenas leitoras de vogais e limitando a sua aprendizagem, uma vez que as crianças chegam nas escolas recheadas de informações e conhecimentos e que esses devem interligarem com os assuntos didáticos promovendo assim a aprendizagem com base em sua vivência e realidade.

Na introdução do ensino das vogais são atribuídas apenas a uma palavra que torna lento o processo na sua identificação ou seja as vogais são associadas a uma figura, como por exemplo: A de abelha, E de elefante, I de índio, O de ovo, U de uva, nesse sentido a criança irá conhecer a imagem e ao perguntamos que vogal ou letra é essa ela irá responder o nome da imagem e não a vogal, sem dúvidas que as crianças devem sim aprender as vogais, os encontros vocálicos, as letras, mas que seja de forma contextualizada levando-as a conhecer e identificar e não memorizar ou decodificar.

No processo de identificação das vogais é importante que as crianças conheçam várias palavras que as contenham no meio, início e fim e não apenas no início como vimos no parágrafo anterior, sendo assim facilitará a aprendizagem.

Atualmente é posto na educação infantil uma limitação na aprendizagem da criança, uma vez que, o ensino é fragmentado em conhecer vogais, depois letras que se juntarão com as vogais formarão pedacinhos e somados com outros pedacinhos para só então formar palavra ou palavras. Há um enfado pela falta de atratividade no ensino, com isso, “tudo indica que a “crise de leitura”, o “desgosto pela leitura”, tem suas raízes na fase inicial da escolarização, nas condições em que se produz o ensino da leitura e da escrita” (AMÂNCIO, 2002, p. 154).

A memorização de letras e sílabas não garante a leitura concreta pois ao soletrar uma palavra, sílaba por sílaba, no final a criança certamente não entenderá o que realmente leu. Pois “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra” (FREIRE, 2001, p. 11).

Neste sentido comenta Silva 1986, p.98-99 apud Amâncio 2002, p. 158, “A leitura não pode ser confundida com decodificações de sinais com reprodução mecânica de informação (...). Leitura sem compreensão e sem recriação do significado é pseudoleitura, é um empreendimento mecânico”. Então a leitura acontece quando há uma reflexão por parte do leitor.

Ainda cabível comentar as considerações de Freire, 2001 que diz: o processo da leitura está relacionado a criticidade, a percepção e compreensão de mundo. Portanto a leitura é fonte importante para todos os cidadãos é, como uma luz na escuridão, e os primeiros passos para que ela se torne real é a influência que começa desde cedo na Educação Infantil.

Diante desses aspectos é importante comentar que se torna enfadonho o ensino quando a criança se depara com a escola que não oferece muita atratividade e que o ensino é voltado a uma mera decodificação, com isso, não sentirá prazer, pois ao comparar com seu mundo, o lado de fora dos portões da escola, encontrará coisas bem mais atrativas e, se a criança não se interessa pela escola, sua realidade de mundo irá se sobrepor sobre ela. Assim:

(...) os educandos se veem situados em duas realidades dicotomizadas ao ultrapassar os portões da escola – uma, a social mais abrangente, que eles deixam atrás de si e onde existem vários tipos de veículos (TV, rádios quadrinhos, etc.) com suas respectivas linguagens; outra; a educacional, onde a transmissão do conhecimento se faz exclusivamente através do livro, da apostila, do quadro negro e/ou voz do professor, com preponderância da linguagem verbal (oral e/ ou escrita) (SILVA, 1988, p.47 apud AMÂNCIO, 2002, p. 171).

É preciso pensar em métodos que possam atrair o gosto pela leitura e que propiciem a aprendizagem de forma sólida e eficaz. Pensando na Educação Infantil encontramos uma fascinação nessa fase pela fantasia, pelo lúdico e pelo mundo imaginário. Então, torna-se fundamental nessa fase o papel dos educadores no processo inicial da leitura que, através de métodos dinâmicos, desperte o prazer pela leitura. Os mesmos devem refletirem sobre sua prática pedagógica como também repensar seus métodos, com vistas adotar uma metodologia adequada, para assim, contribuir com sua intervenção mediadora no processo de aprendizagem na leitura e na construção do imaginário infantil.

Em se tratando de influência dos educadores nesse processo Borba e Mattos (2011, p. 222) comentam:

A mediação do(a) Professor(a) envolve várias responsabilidades, quais sejam: a escolha dos livros a serem oferecido às crianças; a leitura prévia e cuidadosa dos livros, afim de que sua mediação seja o mais produtiva possível; a escolha de estratégias pedagógicas atraentes e significativas para a proposição da leitura compartilhada ou da leitura individual, a escuta atenta e generosa da leitura das crianças, que poderá ser inusitada ou mesmo divergente da leitura inicial do(a) professor(a), mas não, necessariamente inadequada ou despropositada a elaboração de outras atividades – lúdicas, cênicas, gráficas, orais – como desdobramentos da leitura proposta; entre outras.

A partir dessa afirmação convém salientar que as leituras infantis também devem ter foco. Precisam ter a finalidade de desenvolver a aprendizagem da criança, trabalhadas de forma lúdica, levando em consideração que, as crianças desde cedo, têm um enorme apego ao lúdico, criatividade como também pelo novo. Por isso requer do educador(a) uma inovação e objetivos nas práticas de leitura.

Se as leituras oferecidas forem apenas um passa tempo ou mesmo uma distração, não alcançará o seu objetivo final. A leitura na Educação Infantil não pode ocorrer sem incentivos e métodos propícios, como comenta Cosson (2011), afirmando que ler livros, histórias ou até mesmo contos, não pode ser um passa tempo, pois as leituras para as crianças não podem desvincular-se do processo de ensino e aprendizagem.

A prática de leitura na Educação Infantil enriquece a percepção, a imaginação, a criatividade. Precisa ser constante e estimulante, e que não seja uma atividade mecanizada, monótona e desinteressante. É importante que haja nas escolas um cantinho para leitura, pois abrirá espaço para a prática diária e o contato com os livros, despertando o gosto e o prazer pelo ato de ler, estimulando assim o manuseio e a curiosidade pelo que está escrito.

CONCLUSÃO

Este estudo tratou da importância do ato de ler levando em consideração que a leitura vai além de decifrar palavras, letras ou sílabas, pois a criança começa a ler quando consegue perceber, compreender e significar as coisas e objetos que estão em sua volta.

A leitura não se resume as decodificações das palavras escritas, mas está relacionada as descobertas, a percepção, interação e contato com objetos e símbolos.

Foi possível ressaltar a importância do direcionamento dos educadores e a utilização de estratégias relacionadas as práticas de leitura, no entanto, há uma responsabilidade do trabalho

desses profissionais, principalmente nas escolhas de materiais que sejam produtivos e atraentes, articulados a diversidade de atividades que desenvolvam a leitura.

Os educadores têm um papel fundamental nas práticas de leitura que, através de métodos dinâmicos e inovadores, despertem na criança o prazer pela leitura, como também a forma, os meios com que são desenvolvidas as atividades de leitura em promover a interação da criança com as leituras abordadas, pois o ensino fragmentado e mecanizado gera na criança o desprazer pelo ato de ler.

Ficou evidente que os pais repassam para a escola a responsabilidade pela educação de seus filhos. Diante disso, argumentamos que o processo inicial de leitura deveria acontecer em casa, no ambiente que proporcionasse segurança para a criança, pois os primeiros estímulos da prática da leitura devem ocorrer através do contato com os objetos relacionados a realidade da criança, como também nas atividades extraclasse que proporcionam interação entre pais e filhos.

Portanto a prática da leitura deve acontecer desde cedo, onde a criança possa ter o contato direto com o mundo da leitura, já que a leitura é uma ferramenta importante na obtenção de conhecimento (CUNHA, 1999).

REFERÊNCIA

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros. **Cartilhas, para quê?** Cuiabá: UFMT, 2002.

BORBA, Ângela Meyer; MATTOS, Margareth Silva de. A leitura do livro de imagens com crianças de 0 a 6 anos: Um convite à narrativa e à imaginação. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos. (Orgs.). **Nas trilhas do letramento:** entre teoria, prática e formação docente. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 205-224.

COSSON, Rildo. A prática de letramento literário na sala de aula. In: GONÇALVES, Adair Vieira; PINHEIRO, Alexandra Santos. (Orgs.). **Nas trilhas do letramento:** entre teoria, prática e formação docente. Campinas: Mercado de letras, 2011. P. 281-297.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil:** teoria e prática. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. Pesquisa Científica in: **Metodologia do trabalho científico:** métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. P. 41-118. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 13/03/2017.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

NOGUEIRA, Silvana da Silva; SILVA, Priscila Cavalcante. **O processo de aquisição da língua escrita**: fundamentado em Emília Ferreiro e Ana Teberosky. 2014. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_2datahora_25_05_2014_18_21_22_idinscrito_449_1fe05d4003b758754f391f52f0020681.pdf>. Acesso em: 27/02/2017.

PIAGET, Jean. A psicogênese dos conhecimentos. In: **Epistemologia genética**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. P. 7-29.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.